

# ENTREVISTA //

## JOSÉ ANTÔNIO RAMIREZ

DF - SAÚDE

### Hospital está com a capacidade de atendimento prejudicada por causa da demora em credenciá-lo ao SUS

SAMANTA SALLUM  
DA EQUIPE DO CORREIO

**E**n quanto hospitais públicos agonizam sem condições de atender as pessoas na fila de espera, o Instituto do Coração do Distrito Federal (Incor-DF) vive a realidade oposta. Está à espera de pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS). Novo, aparelhado, com profissionais altamente especializados, trabalha

muito aquém da capacidade. Extensão do Incor de São Paulo, a unidade na capital foi inaugurada há seis meses, mas ainda não está credenciada — o que é motivo de críticas de José Antônio Franchini Ramirez. "A burocracia da Secretaria de Saúde é grande. Já deveríamos estar atendendo muitos pacientes. Mas estamos impedidos", reclama o presidente do Incor.

À frente de um dos mais importantes hospitais de cardiologia do

mundo, Ramirez desde novembro divide seu tempo entre São Paulo e Brasília. Em visita terça-feira ao Incor-DF, contou em entrevista exclusiva ao Correio que as únicas cirurgias realizadas em crianças aqui foram possíveis apenas com mandados de segurança. "Pais nos procuraram para tratar seus filhos, mas não podemos aceitá-los porque não foram encaminhados pelo SUS", explica. No DF, 1,5 mil pessoas precisam

de cirurgias cardíacas por ano. "E o Incor-DF está capacitado a atender desde recém-nascidos a pessoas de 95 anos. Prestamos assistência médica com a missão científica e educacional", afirma Ramirez.

O secretário-adju nto de Saúde, Mário Sérgio Nunes, informou que a secretaria está atendendo as exigências do Ministério da Saúde e que tem procurado agilizar ao máximo o processo para credenciar o Incor. "Preci-

samos cumprir as regras estabelecidas pelo governo federal. E estamos fazendo isso. Na segunda-feira, entregaremos pessoalmente o documento em que a secretaria se compromete a arcar com as despesas da UTI do Incor com pacientes do SUS", garantiu. "Nosso governo tem todo o interesse em que uma instituição do gabarito do Incor seja logo credenciada para atender nossa população", reforçou o porta-voz do GDF, Paulo Fona.

# Incor pronto para funcionar

Kleber Lima/CB/26.4.05



“ OS PACIENTES DO SUS, QUE DEVERIAM SER OS MAiores BENEFICIADOS, ESTÃO LONGE DO INCOR. É UMA PENA, PORQUE, TANTO EM SÃO PAULO COMO EM BRASÍLIA, O INCOR FOI FEITO PARA O PÚBLICO ”

problema sério, porque exige uma outra infra-estrutura, diferente da exigida para cirurgia em adulto. Em recém-nascido exige especialização em pediatria neo-natal, por exemplo. Enfim, a equipe tem de ser especializada para cada caso. Mas a equipe do Incor-DF tem profissionais capacitados para tratar desde o recém-nascido até uma pessoa de 95 anos.

**CORREIO — Qual a demanda do DF por cirurgias cardíacas?**  
RAMIREZ — Em 2003, foram operadas 630 pessoas no DF com o item coração. Mas, na verdade, cirurgia cardíaca mesmo foram apenas 270. O resto foi marcapasso. A demanda por cirurgia cardíaca é de 1,5 mil por ano. Existe uma demanda muito grande aqui. O Incor de São Paulo tem muitos pacientes vindos de Brasília, e não são os políticos. Estes são minoria. A maior parte é paciente encaminhado pelo SUS.

**CORREIO — Qual foi a motivação para trazer o Incor para o Distrito Federal?**

RAMIREZ — O Incor, por si só, nunca teve idéia de se expandir para fora de São Paulo. É muito difícil imaginar criar uma rede com filiais, num sistema de saúde que enfrenta dificuldades. Mas tudo começou com uma decisão política que partiu de Brasília. O então presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, e da Câmara dos Deputados, Michel Temer, com apoio do ex-

presidente Fernando Henrique, fizeram a proposta. Num primeiro momento, não participamos dessa negociação.

**CORREIO — Por que decidiram aceitar a proposta?**

RAMIREZ — O Incor de São Paulo é referência nacional e internacional. Vimos a necessidade de ter outra sede, de desenvolver pesquisa científica em outro lugar. Nossa objetivo foi criar uma célula que visava preencher todas aquelas condições que as outras instituições, que já funcionavam em Brasília, não conseguiam ter. Não por incompetência, mas pelo fato de elas terem outro objetivo. Nenhum dos hospitais daqui tem a missão científica. A função primordial deles é o atendimento, a assistência médica. Com exceção do Hospital Universitário, nenhum tem missão educacional. Precisamos de

hospital que crie novos pensamentos, que puxa a Medicina. E o Incor presta assistência médica tendo uma missão educacional e científica.

**CORREIO — Como os profissionais do Incor-DF foram recrutados?**

RAMIREZ — Todos vieram de São Paulo ou foram formados e treinados pelo Incor-SP. Trouxemos ex-residentes nossos que estavam, por exemplo, no Rio de Janeiro. Eles já vêm com a mentalidade pronta, com o nosso conceito. Não podemos desvirtuar o trabalho, temos que criar uma geração futura de médicos pesquisadores. Mas chegará o momento em que os dirigentes do Incor Brasília serão médicos que estudaram e foram treinados aqui.

**CORREIO — Como o Incor se mantém financeiramente?**

RAMIREZ — O Incor São Paulo é um hospital público, universitário. Recebe uma quantia do orçamento do estado que só dá para bancar 30% dos custos. O restante, via Fundação Zerbini, nós conseguimos com serviços prestados e outras fontes como doações, dotações extra-orçamentárias que os representantes do governo de São Paulo conseguem do governo federal e contratos com o Ministério da Saúde.

**CORREIO — Qual os planos futuros para o Incor-DF?**

RAMIREZ — Muitos não sabem que o Incor-DF já está funcionando. Mas nossa missão será cumprida, custe o que custar. Faremos de Brasília um grande centro de atração para assistência médica na área de cardiologia, com toda a medicina de alta complexidade disponível no Incor. Ainda não atingimos isso hoje por dificuldades que já mencionei. Adoramos desafios.